

A missa dos insetos mortos

CLEBER PACHECO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

O GUARDIÃO



Mergulhar, trazer de volta resquícios dos inúmeros mundos onde estiveram, tem seus riscos. Avançam, a cada vez, mais profundamente, provocando desconcertos os relatos, instigando curiosidades, acendendo fascínios, num turbilhão de pasmos e encadeamento de adoração e prováveis loucuras. Sem resistir, todos querem ouvi-las, seja qual for o preço a ser pago. Não há como saber quem será afetado, quantos serão atingidos, quais as consequências ou o tamanho do assombro. Ansiosamente aguardam o despertar de uma delas. Eu sou o encarregado, segundo dizem, o Guardiã, com o compromisso de avisá-los aos primeiros sinais de um possível retorno.

Todos os dias renovo a água, trago sementes frescas, sempre à espera, ignorando se, de fato, chegou a hora. Preso a esta casa, sobretudo a este quarto, nada posso fazer para evitar. Cabe-me ter paciência, permanecer em constante estado de alerta. Ao menor movimento, têm início os transtornos, tornando tudo à nossa volta ainda mais irreconhecível. Assim prosseguem os anos, incessantemente regurgitando sua estranheza.

Agora mesmo pensei ter flagrado um bater de pálpebra. Não raro me engano e sou obrigado a reter, da mão, o gesto de tocar o sino. Falsos avisos trazem punições. Não é inconstante estar tenso, de sobressaltos tornar-me vítima. Catástrofes brotam de qualquer meu deslize. Se, ao velar, ocorrerem falhas, colapso haverá.

Eu as vigio, vigia-me o mundo. Nenhum erro é-me permitido. Com o tempo aprendi a desdormir. Já esqueci em que consistem os sonhos. Só acabará vigília minha no instante em que a última delas não mais despertar.

Semelhantes a eternas estátuas de neve, pairam em alvura de noivas virgens, coroas de flores sobre as cabeças, até à morte imaculadas. Nada as perturba. Ninguém as remove. Queixaram-se nunca do próprio exílio: é voluntário. Evitar preferem a consistência das coisas. De tudo isoladas permanecem. Sob esse véu, mansamente repousam. Intransponível, ser tocado não pode. É, esse véu a recobri-las, o que as separa do restante das criaturas, muralha frágil e fina a reforçar-lhes o aspecto de bonecas e avantesmas.

Se despertam, súbito submergem; não se pode evitá-las. Pronunciam palavras, aquietam-se. E redefinem trajetórias em todos os quadrantes. Depois de falarem, nada mais é o mesmo. Entre iluminados e insanos, conversões e suicídios, nenhuma só alma continua intacta: ficam cegos, os surdos ouvem, mulheres põem-se a parir. Há até mesmo casos em que chagas brotam do corpo como se estivessem à espera de um estímulo. Nos corações nasce uma taquicardia de convulsões e febres. Nos lábios afloram sorrisos que nunca mais serão extintos. E sou eu que anuncio a vinda de tamanhos mistérios.

Todos os dias , em frente ao portão, deixam flores, acendem velas, colocam réplicas de pés e mãos, cabeças e corações de cera, rezam, murmuram, lamentam-se num zumbido incessante, despejando dores e demências, agradecimentos e pedidos. Às vezes olho pela janela o movimento ao fazer a limpeza da casa, ao tirar água do poço ou colher, dos girassóis, as sementes. Aprecio apanhar, dentre as árvores, as romãs, abri-las, colocar seus cristais vermelhos sobre um prato azul e admirar brilho e inventividade anatômica no corpo dos frutos. Coloco ao lado delas, em expectativa. Jogadas fora na maioria das vezes, o gesto repito na outra manhã até que uma delas acorde e se alimente entre um ou dois goles d'água. E assim que pronuncia os seus espantos, torna a recolher-se, imóvel, sob o véu.

Entre idas e vindas, aguardo, aguardam todos, e após os meus pronunciamentos relatando o que estas virgens viram nos outros mundos, mortes ocorrem. Encontram pessoas mortas nas ruas, no banho, nas compras, durante as refeições ou abraços, alimentando os pombos nas praças. Nunca se sabe quantos serão, em qual momento acabarão flagradas, extinguindo-se no alento último.

Há quem as tema, quem as odeie. Tenho de cuidá-las com zelo, estão permanentemente em perigo. Descuidar-me, jamais. A morte é o óbolo pela preciosidade delas. Pagamos.

Habituei-me a esta missão; afastar-me não posso. Outra tarefa, impossível. Entre elas e o mundo estou eu, aquele que está sempre em vigília. Nada mais há a ser feito. Simplesmente aceitei. É o meu fado.

Recolho palavras e oferendas, distribuo apenas o que não me pertence. Nem poderia ser diferente. Nada tenho de meu.

Abandonei mulheres, abandonei filhos, recusando-me a olhar para trás. Estou nu de outros e para os outros vivo, transmitindo os estigmas que elas anunciam. Não faço reparos, não acrescento ou omito, contento-me em ser o eco de tamanhas revelações. Coragem se ausenta em minha carne para explorar eu mesmo tantos irrestritos mundos.

Elas são minhas sereias, reclamo jamais em render-me e acatar os mistérios. Estou mais vivo agora, neste lugar onde sei com exatidão qual o papel a cumprir. Só agradeço e aguardo, também eu, em qual momento fecharei para sempre, sem engendrar sonhos, meus olhos.

OS PEREGRINOS



Vou arrancar aquele sujeito de dentro da casa e resolver tudo isso numa vez.

Acabe logo com a farsa e taque fogo. Ficamos livres do Guardião fajuto e daquelas falsas virgens cretinas. Você é forte e determinado. Pode fazer, eu ajudo.

Você tá muito nervosinha. Não precisa tanto. Se eu tirar o homem de lá, as coisas se resolvem.

Nunca. Precisamos demolir o lugar. Só assim essa gente toda para de vir pra cá, não tendo mais essas mentirosos.

Preciso entrar e ver como é lá dentro, ver as virgens adormecidas, saber como acontece quando acordam e falam, descobrir aonde vão quando dormem, ouvir o que elas têm pra contar.

Pois eu garanto que não estou nem um pouco interessada em histórias bestas. Melhor mesmo destruir tudo.

Não falem blasfêmias. Assim vocês me assustam. Não façam nada. Pode vir um castigo.

Hahaha. Castigo. Que bobagem. Diz isso porque deseja fazer um pedido. Owi quando contou pros outros.

Sim. Quero. Muito.

Qual motivo? Posso saber?

O senhor pode. Não é louco como essa mulher horrorosa. Preciso falar com elas. Para fazerem o milagre.

E eu é que sou a louca. Haha. Milagre. Como pode acreditar numa bobagem tão grande?

Sim, milagre, sim, acredito. Elas podem fazer, elas podem tudo.

Qual?

Para o senhor eu falo, para o senhor eu digo: elas vão ressuscitar o meu filho morto, vão mesmo. E eu vou poder abraçá-lo de novo, beijá-lo na testa, falar com ele e levar embora comigo mais uma vez.

Pffffff. Isso não existe, nunca existiu nem nunca vai existir. Morreu fedeu. Pronto.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela Editora
Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2021.
